



Um Diálogo Com o Jornalismo e a Literatura¹

Márcia de Oliveira PINTO²

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

RESUMO

Este trabalho discute o debate acerca das relações entre o jornalismo e a literatura e a convivência e os diálogos entre eles. O questionamento suscitado por essa relação deriva muitas vezes da proximidade dos códigos e do tratamento estético a que ambas as modalidades discursivas estão sujeitas. Esse é um tema antigo, ainda bastante discutido e que desperta o interesse dos estudiosos no sentido de buscar clarificar o olhar, às vezes turvo, para essa relação do jornalismo com a literatura. Nesta perspectiva, o trabalho busca contribuir para o debate, refletindo sobre o tema a partir da pergunta: Até que ponto a relação entre esses dois ofícios da escrita pode beneficiar ou prejudicar algum deles?

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; literatura; convivência; diálogos.

Este trabalho busca contribuir para um debate que remonta à primeira metade do século XX – as relações entre o jornalismo e a literatura – mas que, permanece atual e presente, dentro e fora, do âmbito universitário, principalmente neste cenário híbrido do século XXI. Um debate que se trava em torno das interseções possíveis ou impossíveis, da convivência e dos diálogos estabelecidos entre o jornalismo e a literatura.

A questão que alimenta a polêmica suscitada pela ligação entre o jornalismo e a literatura deriva muitas vezes da proximidade dos códigos e do tratamento estético a que ambas as modalidades discursivas estão sujeitas. Essa questão não se configura como uma opinião isolada, nem a aparente separação jornalismo/literatura se dilui nas preocupações de quem por estas questões se interessa. Esse é um tema que desperta interesse de estudiosos no sentido de buscar elucidar alguns aspectos que insistem em tornar nebuloso nosso olhar para as relações, nem sempre harmoniosas e pacíficas, entre o jornalismo e a literatura.

Essas relações são antigas e como formas de comunicação coletiva, as duas acompanharam a sociedade humana desde épocas remotas, com grande impacto social,

¹ Trabalho apresentado no NP Jornalismo do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Departamento de Comunicação Social da UERN, email: marciapinto@uern.br



tendo ambas sido profundamente marcadas pelo surgimento da imprensa no século XV.

Nesta perspectiva, nos parece pertinente tecer algumas considerações acerca da convivência entre esses dois ofícios da escrita e investigar até que ponto essa relação é frutífera ou danosa para algum deles.

Instigados por essas questões, estudiosos, tanto do jornalismo, quanto da literatura investigaram as duas relações. Alceu Amoroso Lima em *O jornalismo como gênero literário*, em 1960, apoiado na concepção metodológica e racional dos gêneros literários, considerou o jornalismo como um deles e o situou como prosa de apreciação dentro de um “esquema ou diagrama”. “Trata-se apenas de um andaime. De uma caderneta de campo. De um rascunho. Não tem a mínima pretensão a ser uma carta de marear, de **terrear** ou de **arear** para pilotos” (LIMA, 1960, p. 27, *grifo do autor*).

Na proposição pioneira de Amoroso Lima, o jornalismo seria considerado um gênero literário, com suas regras próprias, sofrendo pressões específicas, que vão da avidez do tempo às limitações de espaço, mas de qualquer forma, um gênero. Segundo o autor:

A palavra, como natureza, é um simples instrumento de comunicação. Como arte é um meio de transmissão, com caráter de fim. É arte da palavra. É literatura. E sempre que o meio se transforma em fim, estamos no domínio da estética.

(...)

Assim a palavra, como arte, é a sua conversão de meio em fim, por princípio. Mas essa operação admite toda (sic) espécie de gradações. Tudo, no universo, é entretom e tom, isto é, terreno definido e terreno indefinido, ato e potência, estabilização e passagem, gênero e intergênero. Verso e prosa (1960, p. 28-29).

Os argumentos contrários a essa proposição de Amoroso Lima valem-se da questão da ficcionalidade e do caráter estético da linguagem. Neste sentido, cabe-nos perguntar: mas, onde a literatura vai buscar sua ficção senão também na realidade?

O jornalista, ao redigir um texto e editá-lo, toma uma série de decisões que são em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos, crenças e emoções. Até mesmo a fotografia jornalística capta uma segunda imagem, a do fotógrafo. O fato, ao sair do real, apresenta a visão dos acontecimentos que é filtrada pelo jornalista ou pela linha editorial da empresa na qual trabalha, e desse modo, o fato já perde um pouco sua veracidade e adquire um viés que podemos considerar um tanto fictício. Mesmo se considerarmos uma notícia que possa ser destituída de juízo, com



uma linguagem pretensamente “unívoca” voltada para a evidência do fato, ainda assim esse fato representa um corte da realidade e, nesse corte, houve uma opção por parte do jornalista, silenciando todos os outros aspectos que possam permear a notícia.

Quanto à linguagem, sabe-se, tanto à jornalística, quanto à literária, se valem do mesmo código, como já afirmamos. Se a linguagem literária for considerada apenas pelo mérito (valor: bom), teríamos, portanto, que afastar da literatura tudo aquilo que pode ser considerado como não-bom. Do mesmo modo, há que se considerar que o texto jornalístico, também se enquadra nessa mesma noção de valor.

Delimitar as fronteiras entre o jornalístico e o literário não é tarefa fácil. A linha que supostamente os separa é tênue e, às vezes, invisível. Os esforços destinados à busca de uma delimitação de fronteira acabam por naufragar. Haverá sempre argumentos favoráveis e contrários, e isto considerando-se, inclusive, a isenção de paixão que envolve o tema. A ruptura dessas fronteiras fornece resultados estéticos muito ricos e abre uma discussão interessante sobre a questão dos gêneros, revelando como a divisão é relativa. Neste sentido, advoga Ventura (apud AZEREDO, 2001, p. 44): “Por que no fundo o que interessa, o que vale no final das contas é a excelência estética”.

O jornalismo e a literatura não são territórios separados, diferentes, com barreiras intransponíveis que impeçam as apropriações, os entrelaçamentos. Ao contrário, são territórios movediços, híbridos. É importante ponderar a questão e mirar nossa atenção para as contribuições e os diálogos que emergem dessa convivência tão próxima, onde eles se misturam, se comunicam, em um processo de colaboração mútuo.

Convivência e Diálogos possíveis

Segundo Medina (1996, p. 219) é dever do jornalista, humanizar as circunstâncias. “Para humanizar seu tempo de ação, o mediador social – situado no jornalismo – tem de exercer as virtualidades de repórter e se contaminar com o desejo dos artistas”.

Só um jornalista exposto à sensibilidade, racionalidade e ações criativas precípua ao artista, poderá, ele próprio, se aperfeiçoar para conviver mais complexamente com o real imediato. A literatura, ou a palavra-revelação por excelência, lhe oferece, entre as demais artes, um bom arsenal de estímulos e de percepções. A percepção, observação e lida cotidiana se enriquecem, amplia-se a cosmovisão,



assim como se ampliam as narrativas. Acima de tudo, a literatura ajuda o jornalismo a que este se torne mais humano (2006, p. 215).

O jornalista deve, aos poucos, se deixar seduzir pelo fascinante domínio da narrativa literária e tentar ultrapassar os limites dessa linguagem e dela importar elementos que possam auxiliá-lo na conquista dessa fascinante batalha pelas mentes e corações de seus alvos, leitores, telespectadores ou ouvintes, como define Rossi (1986, p. 07).

Nessa perspectiva, creditamos à literatura a munição indispensável nessa batalha de humanização necessário ao texto jornalístico, o que acaba possibilitando um processo de reflexão e prazer estético. É neste diálogo profícuo com a literatura, que o jornalista se capacita para ousar transpor as amarras técnicas da profissão.

A literatura é o alicerce que edifica a formação cultural que possibilita a qualificação e a humanização do texto jornalístico. Nesse sentido, Abramo corrobora:

O jornalista precisa ler muito, ler literatura, porque a literatura nos põe em contato com o universo comum dos homens. E também é preciso ler poesia. O grande escritor é universal, e através dele entramos em contato com os problemas do mundo e do ser humano. Toda a referência do homem é o ser humano, toda cultura, tudo que diz respeito ao ser humano, e não há outra referência mais importante do que essa. E a literatura é o caminho para isso (1988, p. 247).

Para dar asas à criatividade é preciso libertar o fazer jornalístico. O jornalismo, aos poucos, vai-se permitindo passos lentos, mas pontuais em direção à utilização de recursos e elementos da literatura. Os profissionais da imprensa, formados para o texto objetivo, direto, frio, técnico, devem buscar uma maior identificação com o leitor, oferecendo os fatos cotidianos com um contorno de emoção e sentimento, fugindo das amarras técnicas e utilizando-se também de modos de captar e narrar os fatos que são, em essência, próprios do fazer literário. Não obstante, vale lembrar que o jornalismo, que é arte, mas vive à margem porque é, também, uma técnica. Porém, igualmente, a literatura o é: arte e técnica, como defende Baptista-Bastos (apud FREITAS, 2002, p. IX).

Ademais, é importante destacar que a literatura não deve ser utilizada apenas como um modelo estético a ser seguido, mas, sobretudo, como uma fonte de abastecimento cultural para o profissional da imprensa. Nesse sentido, corrobora



Medina (1996, p. 216): “a literatura, então se consagra como encruzilhada cultural, por onde passam tendências históricas que extravasam o valor estético”.

Aliar o texto literário ao texto informativo, atende os anseios da comunidade nessa busca de um jornalismo mais humanizado. Essa articulação é decorrente da relação íntima e harmônica da convivência que se estabelece do jornalismo com a literatura. Os estímulos despertados por esta, permite que o jornalista possa construir o entendimento do mundo por meio da leitura, na formação de cidadãos críticos, participativos e inseridos no meio social. O espaço da mídia é também, por excelência, uma espaço educativo, nos informa Vicchiatti (2005, p. 95) e, deste modo, a sua leitura crítica pressupõe reflexões acerca de informações que possibilitam um maior esclarecimento sobre as demandas da sociedade.

O grande intercâmbio do jornal com a literatura, entretanto, alerta Santaella, parece estar sendo ignorado. A autora chama atenção: “só uma leitura simultaneísta e compressiva de mosaico permite entreluzver a constelação de rupturas que tem configurado a literatura de nosso século” (2003, p. 55).

O velho e polêmico debate acerca da inclusão ou não do jornalismo como sendo um gênero da literatura, agora volta à cena. Porém a atenção não mais se limita a preocupação classificatória, mas o cerne da questão, agora, volta-se para o diálogo frutífero e o evidente intercâmbio de recursos e linguagens que surgem dessa relação. Neste sentido, reforça Santaella (2003, p. 56), “um intercâmbio, aliás, que deve ser buscado, pois é na fenda entre dois sistemas de signos e nas brechas do sistema instituído que podem germinar novas estruturas de linguagem”.

Certamente não são os temas das histórias contadas que definem a qualidade de uma narrativa, mas a forma de contar essas histórias, que inclusive podem até apresentar temas banais. Segundo Vicchiatti:

Os limites que separam o jornalismo da literatura estão sendo transpostos em busca de uma narrativa esteticamente mais competente. Essa transposição surge do fato de alguns jornalistas ao não se contentarem em seguir os esquematismos de fórmulas rígidas de construção da narrativa jornalística, procurarem lançar um olhar inquieto às determinações de regras fechadas e buscarem enunciações atrativas com competência técnico-artística (2005, p. 83).

Assim, podemos classificar o jornalismo e a literatura da seguinte forma: só há dois tipos de textos: o bom e o ruim e isso vale tanto para o texto jornalístico quanto



para o texto literário. O núcleo que alimenta a polêmica entre as duas modalidades discursivas deve se diluir e as discussões devem se ater tão somente ao diálogo profícuo que se estabelece entre eles. Nestes termos, conclui-se este breve artigo, recorrendo as palavras de Medina:

Que bom que assim seja: literatura e jornalismo não competitivos, não provocadores de invejas mútuas, mas complementares, ou melhor, dialógicos entre eles e dialógicos às camadas oscilantes da audiência, em confronto aos entraves do poder estabelecido (1996, p. 217).

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Cláudio. **A regra do jogo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- AMORA, Antônio Soares. **Introdução à teoria da literatura**. 14.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.
- AZEREDO, José Carlos de (org.) **Letras e Comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.
- AZEVEDO FILHO, Carlos Alberto Farias de. **João Antônio, repórter de Realidade**. João Pessoa: Idéia, 2002.
- BRITO, José Domingos (org.) **Literatura e Jornalismo**. São Paulo: Novera Editora, 2007.
- BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e Literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.
- CASTRO, Gustavo de, GALENO, Alex (orgs). **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- ELIOT, T.S. **A essência da poesia**. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.
- FERREIRA, Carlos Rogé. **Literatura e Jornalismo, práticas políticas**. São Paulo: Edusp, 2003.
- FREITAS, Helena de Sousa. **Jornalismo e Literatura: inimigos ou amantes?** Contribuições para o estudo de uma relação controversa. Lisboa: Peregrinação Publications, 2002.
- KELLY, Celso. **Arte e comunicação**. Agir: Rio de Janeiro, 1972.
- LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1990.
- LAJOLO, Marisa. **O que é literatura?** 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- LUCAS, Fábio. **Literatura e Comunicação na era da eletrônica**. São Paulo: Cortez, 2001.



- LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri/SP: Manole, 2004.
- MEDINA, Cremilda. **Povo e personagem**. Canoas: ULBRA, 1996.
- NEPOMUCENO, Eric. **Jornalismo é literatura?** Jornal dos jornais, São Paulo, p.21-31, out.1999.
- OLINTO, Antonio. **Jornalismo e literatura**. Rio de Janeiro: Agir, 1954.
- RESENDE, Fernando. **Textuações: ficção e fato no novo jornalismo de Tom Wolfe**. São Paulo: Annablume, 2002.
- ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo?** 10.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das mídias**. 3.ed. São Paulo: Experimento, 1996.
- _____. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005.
- SANTOS, Mirian dos. A literatura e o jornal: interfaces. **Conectiva** – Revista de Estudos Midiáticos. Pouso Alegre/MG, Ano I, nº 1 Julho/Dezembro, 2003.
- SILVA, Vítor Manuel Aguiar e. **Teoria da literatura**. 3.ed. Coimbra: Almedina, 1973.
- SODRÉ, Muniz, FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.
- TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- VERÍSSIMO, José. **Que é literatura?** e outros escritos. São Paulo: Landy, 2001.
- VICCHIATTI, Carlos Alberto. **Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso social**. São Paulo: Paulus, 2005.
- VILAS BOAS, Sérgio (org.). **Jornalistas literários: narrativas da vida real por novos autores brasileiros**. São Paulo: Summus, 2007.
- WELLEK, René, WARREN, Austin. **Teoria da literatura**. 3.ed. [s/l] Publicações Europa-América, 1976.a
- ZANOTTI, Carlos Alberto. Entre o jornalismo e a literatura. **Conectiva** – Revista de Estudos Midiáticos. Pouso Alegre/MG, Ano I, nº 1 Julho/Dezembro, 2003.